

# EM ESTILO FLUENTE, UMA OBRA DE ESPECIALISTA PARA NÃO ESPECIALISTAS

José Carlos de Azeredo  
(UERJ/CNPq)

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010. 235 p.

Acredito que não seja numerosa a lista dos linguistas que se ocupam – ou que já se ocuparam – do uso estético/poético/literário da língua. A maioria dos que figuram nela produziu trabalhos sobre estilística ou retórica, como os espanhóis Dámaso Alonso e Amado Alonso, os alemães Leo Spitzer, Helmut Hatzfeld e Heinrich Lausberg, e o brasileiro J. Mattoso Câmara Jr. Outro grupo presente nessa lista pode ser identificado pela filiação à corrente do Formalismo russo, como é o caso emblemático – e provavelmente mais conhecido – de Roman Jakobson, que analisou a poesia, entre outros, de Baudelaire, do trovador galego-português Martim Codax e de Fernando Pessoa. Na tradição da linguística norte-americana, merece destaque a figura de Edward Sapir, que escreveu um ensaio sobre os fundamentos musicais do verso e dedicou o último capítulo de seu clássico *Language* a uma reflexão sobre as potencialidades poéticas da língua.

A linguística alcançou no Brasil, ao longo dos últimos quarenta anos, um crescimento fantástico, expresso quer na multiplicação dos centros de pesquisa e respectivos instrumentos de publicação, quer no volume de teses e dissertações defendidas, quer na proliferação de eventos destinados à divulgação e ao debate dos resultados das investigações. No entanto, quem buscar títulos referentes à articulação *língua-literatura* nos bancos de teses sobre temas linguísticos, bem como

nos sumários dos periódicos publicados pelas dezenas de programas de pós-graduação em linguística espalhados pelo país, seguramente não encontrará muita coisa.

Um quantidade vertiginosa de artigos e coletâneas oriundos dos centros de pesquisa traz estampadas expressões como ‘língua viva’, ‘língua em uso’, ‘língua em tempo real’ e similares. Elas marcam muito nitidamente uma posição: pelo menos no Brasil, o objeto da linguística deve ser a língua na sua expressão genuína, como meio de interação viva e natural. Essa ênfase na natureza instrumental da linguagem implica, inevitavelmente, o desapareço de sua função poética e de seus usos literários. Ordinariamente, estes são encarados como desvios da finalidade da linguagem, subprodutos artificiais, carentes de espontaneidade. A esse juízo se contrapõe Dominique Maingueneau, linguista filiado à corrente francesa de Análise do Discurso. Escreveu ele: “...longe de ser um ornamento contingente, a literatura participa da construção da língua. De fato, existe uma relação essencial entre a construção da identidade de uma língua e a existência de uma literatura, de um *corpus* de enunciados estabilizados e valorizados esteticamente: a produção de *enunciados de qualidade* dá *qualidade de língua*.” Por sua vez, são raros os exemplos de linguistas brasileiros (Dino Preti e José Luís Fiorin estão entre estes) que pensam de forma diferente da maioria. Por esse motivo, não se pode deixar de saudar a publicação de *Literatura e outras linguagens*, último livro de Beth Brait, que oferece ao leitor um leque de temas que envolvem as relações entre língua e literatura.

A obra é composta de sete partes: 1- Língua e literatura: saber e sabor; 2- Escritores enfrentam e mostram a língua; 3- Língua, literatura, identidades; 4- Na biblioteca da língua: entrecruzar de língua e literatura; 5- Na fronteira dos sentidos; 6- Cantando língua e literatura; 7- Tramas verbo-visuais da linguagem. A primeira parte é dedicada a um esboço bem sucinto da contribuição aos estudos literários dada por dois linguistas – ambos russos – muito prestigiados no Brasil: Roman Jakobson e Valentin Voloshinov (Bakhtin). É principalmente na obra de Voloshinov, uma especialidade da autora, que Beth Brait ancora conceitualmente o conjunto de suas análises, as quais percorrem textos de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Mário Quintana, Paulo Leminski, Lewis Carrol, Milton Hatoum, Bernardo de

Carvalho, Caetano Veloso, Luiz Tatit, entre outros. As reflexões e as análises empreendidas dialogam com depoimentos de linguistas, ensaístas, poetas, romancistas, cada qual discorrendo sobre sua relação com a área complementar à da respectiva especialidade. Já transcrevi mais acima um pequeno trecho do depoimento de um linguista, Dominique Maingueneau, que a meu ver resume a importância da Literatura para os estudos linguísticos. Para exemplificar o ponto de vista de um autor literário, destaco o depoimento de Ignácio de Loyola Brandão sobre a aprendizagem da escrita. Incentivado sempre a ser econômico na expressão, a evitar os adjetivos e preferir as frases curtas, relata o diálogo com a professora após entregar, à guisa de desenho sobre a Semana Santa, uma folha de papel com rabiscos marrons: “ – O que é isso? – O cemitério. – Cemitério? – É o enterro de Jesus. – Cadê Jesus? – Já enterraram. – E a cruz, o povo, Nossa Senhora? – Já foram embora, estavam muito tristes.”

É a própria Beth Brait quem assim formula a finalidade da obra: dirigir-se “aos professores empenhados em despertar o gosto pela leitura, assim como desenvolver competências e habilidades envolvidas nas dimensões socioculturais participantes da produtiva convergência leitura/escrita.” Ressalte-se o empenho da autora em mostrar que a qualidade da leitura depende muito da sensibilização aos procedimentos de construção do texto, que consiste, em última análise, na construção de seu sentido. O fato de a palavra ser um meio de serventia cotidiana dificulta a percepção de seu potencial como matéria de expressão artística. Para as pessoas em geral, o lugar da palavra em nossas vidas resume-se ao papel utilitário de meio de comunicação. Compete, portanto, ao professor de língua/literatura promover a descoberta do potencial criativo da palavra, de suas possibilidades lúdicas, de seu poder de alargar horizontes de percepção e de compreensão. É esta, certamente, a via que leva à Literatura, uma forma de Arte, como a Música e a Pintura, porém com uma peculiaridade que lhe confere uma responsabilidade social exclusiva: o fato de usar, como meio de materialização, a mesma linguagem do cotidiano das pessoas. Diferentemente da Pintura, que desde a invenção da fotografia se libertou do figurativismo, a Literatura procura harmonizar duas tarefas aparentemente antagônicas: materializar-se num meio coletivo de comunicação – a língua – e afirmar-se como um exercício individual da liberdade de conhecer, de

criar e de exprimir, papel inerente a toda Arte.

*Literatura e outras linguagens* é obra de especialista para não especialistas. Esse perfil decorre do estilo fluente com que Beth Brait comenta os textos, propõe sua interpretação e, mesmo sem recorrer a termos como dialogismo e polifonia, confere operacionalidade descritiva aos respectivos conceitos.

É uma obra que não pode faltar na formação dos atuais e futuros professores de língua portuguesa comprometidos com uma filosofia de ensino que encare o acesso ao texto literário como uma forma de inclusão sociocultural.